

## ABJEÇÕES E DIFERENÇAS EM PRÁTICAS DISCURSIVAS DOCENTES

*Eixo Temático 19 - GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: NOVAS AMEAÇAS, ENFRENTAMENTOS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS*

Josenilda Maria Maues da Silva<sup>1</sup>  
Gerlândia de Castro Silva Thijm<sup>2</sup>

### RESUMO

O texto investe em jogos discursivos descentralizadores que culminaram em problematizar sobre docência e diferença e a produção da performatividade homoerótica na experiência do ensino superior. Desenvolve um trabalho com narrativas problematizadas a partir da análise do discurso foucaultianas e por uma poética de escrita que articula o pós-estruturalismo às teorias *queer*. Apresenta seus resultados em forma de contos em que descreve a experiência docente a partir dos bastidores dos cursos da Universidade. Aposta em práticas discursivas criativas que mesclam enunciados concretos com literatura, cinema e invenções.

**Palavras-chave:** Ensino superior; Performatividade homoerótica; Práticas discursivas.

### INTRODUÇÃO

O estudo aborda docência e diferença sobre a produção da performatividade homoerótica na experiência do ensino superior, recorrendo-se ao pós-estruturalismo como teorização da diferença e da desconstrução identitária em confabulação com as teorias *queer* no que concerne ao conceito de abjeção e performatividade, bem como à discursividade sobre identidade e diferença na miragem desses estudos.

Parte-se do entendimento de que o ensino institucionalizado tem se mostrado, historicamente, como lugar da normalidade e do controle. Nele, docentes são postos como aqueles que pensam, escrevem, pesquisam, sabem, conhecem e ensinam. Não há espaço, portanto, para um ser docente “indivíduo, pré-individual, tomado em seguimento do devir, que

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Programa de Pós Graduação Currículo e Gestão da Escola Básica da Universidade Federal do Pará- UFPA, josimaues@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pósgraduação em Educação da Universidade Federal do Pará – UFPA, gerlandia@ufpa.br

são processos de desejos...” (CORAZZA, 2008 p. 92), tampouco, há lugar para se problematizar o homoerotismo, nem mesmo reconhecê-lo.

A pesquisa recorreu à análise de narrativas docentes. Para a composição das narrativas, aproxima/distancia-se da análise das práticas discursivas de orientação foucaultiana e dialoga com o pensamento deleuziano quando da escrita multiplicadora de acontecimentos que culminam em uma poética.

A investida parte de um terreno de incertezas e ingovernabilidade. Constitui um terreno perspectivado, não concluído, não acabado, como provocação de instabilidades. Os resultados são apresentados em formato de composições em contos, cujos recortes são trazidos ao conhecimento.

## **METODOLOGIA**

A olhada investigativa que parte de teorizações pós-estruturalistas, permite lançar mão de diferentes técnicas de investigação. O trabalho com narrativa se apresenta como uma dessas abordagens que priorizam mais os discursos construídos do que as formas taxonômicas, por considerar que é possível compreender a linguagem como vacilante, pois opera em fragmentos pulverizados em meio às formações discursivas.

Partindo destes lugares, a proposição deste estudo parte da ressignificação narrativa sobre a experiência homoerótica na docência de modo criativo, subjetivo e performático.

Os resultados são apresentados em contos cujos recortes são apresentados aqui. Os contos misturam literatura, cinema, imaginação entrelaçados com episódios narrativos subjetivados.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Há de se compreender como a abordagem pós-estruturalista da diferença dialoga com definições identitárias tidas como culturais, ou descentradas como denomina Hall (2006). Diferença e gênero, nesta lógica, emergem como conceitos que passam por processos de históricos de significações. Ao discutir sobre gênero, alguns termos parecem ser inevitáveis, principalmente, quando se aborda sobre homoerotismo, dentre eles a abjeção e a performatividade.

A composição da abjeção em Butler (2002) considera os mediais discursivos pelos quais os artifícios de exclusão acontecem provocados por uma linguagem heteronormativa que

reforça a presença de determinadas identidades de gênero enquanto desautoriza a existência de outras.

A emergência de discussões envolvendo as noções de performatividade nas teorizações pós-estruturalistas, *queer* ou feministas, tem traços do início dos anos de 1990 inscrevendo-se em múltiplas perspectivas poéticas, políticas e discursivas.

Os rudimentos de interesse para este estudo, não obstante, passam pelo crivo butleriano em versões que levam em conta, enquanto problematizam, o processo de teatralização de papéis de gênero. Após algumas negociações teóricas, Butler (2003), aborda o conceito de performatividade desassociando-o da concepção voluntarista de representar um “papel”, uma vez que esta constitui uma postura que expressa uma condição de adoção de identidades de gênero, quando o que ocorre são inscrições em corpos de performances de gênero.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desafio é organizar em contos o pensamento da diferença disperso nos enunciados proferidos.

Primeiro episódio: *90 tons de encarnados*

O feriadão do mês de novembro lembrava que as festas do final de ano estavam chegando e, na correria das prestações de contas quanto a relatórios, boletins e listas, um final de semana desses servia, dentre outras coisas, para fazer uma pequena viagem de retorno para Belém. No mínimo duas horas e meia de viagem de ônibus garantia um sono reparador.

Conseguiu tomar o último ônibus junto com os estudantes do curso noturno do *campus* de Bragança, contou três ou quatro poltronas e encontrou um amigo professor com quem conversou alegremente sobre o feriado, até cair no sono. Sono forasteiro, madornando. De vez em quando via luzes passar pela janela e ouvia a buzina de algum carro na estrada e, de vez em quando, via-se num quarto escuro nos encovados de um botequim em que mal podia distinguir os olhos brancos que o fitavam, semelhando *Alastair*, o demônio torturador, escolhendo a vítima, enquanto mãos firmes abriam-lhe os botões da roupa.

Um frenesi instaurava-se ao ouvir o barulho das conversas dos estudantes no ônibus ou mesmo dos mais exaltados no *cabaré*. Uma mistura de desejo e ansiedade, o fazia repetir várias vezes um nome, ou vários nomes, como se a evocar demônios. Sentiu-se acariciado no ombro e boca, então abriu levemente os olhos e viu um sorriso que gentilmente solicitava os bilhetes de passagens – entregou-os. Percorreu o ônibus com os olhos e constatou o quanto este estava

lotado, pois as pessoas acomodavam-se como podiam: uns sentados no colo dos outros, outros nos apoios de braço das poltronas, outros, ainda, de pé.

O som das conversas e risadas produzia na viagem uma sensação festiva, como se a taberna fosse ali. As luzes voltaram a se apagar e ficou, por um momento, tentando distinguir as imagens e vultos que emergiam da sombra do ônibus na estrada, hora pareciam com silhuetas femininas, hora pareciam um grupo de rapazes de braços dados, hora semelhavam-se a revoada de albatrozes sobre o rio.

Uma fumaça cheirosa lembrava cigarro com sabor de cravo ou de um incenso de mesmo aroma. As imagens agora pareciam mais claras: um grande salão onde homens e mulheres dançavam e riam ao som de canções sertanejas precisava ser atravessado até o bar em que se podia solicitar um *drink*.

Sente, subitamente, um calor de suspiros junto à nuca, com uma voz que em sussurros convida-o para ficar. Percebe seu corpo tocado entre por mãos que deslizam dos joelhos até o peito e desenham o contorno dos braços até prenderem-se na cintura enquanto, com um movimento firme, muda o seu corpo de posição. Uma proximidade covarde, confusa e desejada ocorre enquanto é invadido delicadamente. Ouve o próprio gemido até o corpo convulsionar e, em seguida ficar paralisado, sentindo-se somente o pulsar do peito.

Indescritível sensação de morte, ou quase morte, sublime, confusa, êxtase arrebatador que misturava sensações do *ser* sem sujeito, um “ser aberto à morte, ao suplício e à alegria sem reservas, o ser aberto e moribundo, doloroso e feliz, já aparece em sua luminosidade velada: essa luz é divina. E o grito que esse ser de boca torcida deforma talvez, mas profere, é uma imensa *aleluia* perdida, num silêncio sem fim” (BATAILLE, 2003. p. 14).

Por um momento não distinguia onde estava e em que estado da matéria se encontrava.

– Aquele que é o seu gato professor? Vi como ele mantinha a mão sobre um de seus joelhos... Acho que tentava lhe acalmar na viagem – comentou uma Estudante assim que o viu na segunda, demonstrando saber mais da viagem e do sonho do que devia – Poderíamos sair com os colegas para uma peixaria no final da tarde. O que o Senhor acha? Ele respondeu com um sorriso, apanhou a pasta com textos e encaminhou-se para a sala.

Segundo episódio: *Oba-oba!*

As palavras da Estudante ficaram como bumerangue, indo e voltando, então, considerou se discutir sobre gênero e sexualidade em uma turma de Matemática não parecia desafiador. Ainda bem que não seria este o caso, sopesando-se a resistência que há quanto aos chamados “assuntos pedagógicos”, uma vez que se faz circular na universidade um discurso de que há um diferencial muito grande entre os professores oriundos das licenciaturas, principalmente os



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

pedagogos, que os define enquanto flexíveis enquanto disciplinadores das turmas. Apresentar características homoeróticas, então, os torna mais ainda vulneráveis aos jogos performáticos.

Uma expectativa que, se não fica clara, vai aos poucos se tornando transparente, é a de que ser da área da educação e vir de um curso como o de Pedagogia é ter predisposição às dinâmicas metodológicas, à avaliação formativa, ao excelente enquanto conceito generalizado, aos trabalhos para pesquisa fora da sala de aula e à abertura para as subjetividades.

No imaginário dos estudantes, e de muitos docentes, eles reproduzem: – *É da pedagogia, é bem fresco, é bem um gay, vai já vir com dinâmica, vai já vir com aquelas brincadeiras... E depois eles falam isso pra gente mesmo. Eles dizem: – Ah, professor a gente já lhe via nas outras salas e a gente sabia que o senhor era dinâmico, que o senhor era brincalhão. Então eles vão usando sinônimos pra não dizer gay, mas eles dizem brincalhão, risonho, simpático o que, no fundo, significa ser gay.*

A turma de Letras parecia á vontade e também curiosa quanto à discussão proposta. Inesperadamente, aquele grupo que se amontoava nas cadeiras mais escondidas a um canto da sala, passa a circular com maior desembaraço. Um perceptível rebolado, um jeito melhor nos cabelos, e brincadeiras do tipo beijar o próprio ombro pareciam ser mais comuns naquele dia.

Apresentaram-se três rapazes: Halle Berry, lembrando atriz norte-americana, porque provocava tempestades com trovoadas como no filme; Naomy, a morena, fazendo-se referência a super modelo e atriz britânica Naomi Campbell, e, Anahi, a molequinha, uma clara referência ao RBD, grupo musical mexicano surgido em 2004.

Após essa apresentação, questionou a si próprio sobre ficar escondendo-se sob a camuflagem machista, que não estava dando resultado, ou fazer o que gostava – ministrar sua aula-show.

Aula com mais frescor, maior leveza, menos canônica e circunspecta com um número diversificado de informações; com troca de olhares; um jeito guri e descontraído de abordar os assuntos; piadas para deixar à vontade; informações para desestruturar o lugar comum; suspeição dos dados; caminhar pela sala; ouvir mais; falar mais; construir a fiação de conhecimentos; e não se camuflar; não se esconder; ninguém queria uma máscara, queria usar diversas máscaras: hora de albatrozes, hora de pardais, hora de corujas, de urso, com suas performances, sua desenvoltura, seu desejo, seu lugar no conhecimento.

A sala de aula é mesmo um espetáculo; um palco em que a aula exige tudo do professor e o público seduzido e interpelado interage e aplaude. Coisa para *gay* mesmo, um aspecto cênico, engraçado e performático movimenta corpos, produzindo corpografia do infame, corpografema do desejo, da alegria, da devassidão.



A sala de aula é a vida. E a aula-show muitas vezes ocorre por motivo algum, outras vezes é planejada pensada naquela dinâmica das competências, dos objetivos e conteúdos, pois ao se demonstrar que o professor pensa somente em brincadeira, é necessário fazer entender que é brincadeira mesmo e também mais que isso, pois há uma seriedade que somente a brincadeira permite.

Passam-se provas, exigem-se trabalhos, exposição e preleção, mas, nem por isso se deixa de brincar: fala-se da genética, da biologia, da cultura, de pessoas; fala-se do hibridismo da mistura e da diferença; pensa-se na justiça e no direito; reflete-se sobre pré-conceito e aceitação; problematiza-se sobre a vida; piagetia-se e foucaultia-se, com crochê, tricô e pó de arroz. E se tenta, mas não se compreende o porquê do assédio das meninas a um professor enquadrado em uma moldura homonormativa.

Lembrou, então, de um livro que sugere ser o estranho fascinante, capaz de mexer com o imaginário até tornar-se objeto de desejo, e titubeia em puxar uma discussão sobre o desejo, para ver se provocava aquelas estudantes que rodeavam a mesa como libélulas sobre a água. Determinadas: primeiro tentavam descobrir se havia homoerotismo, depois, se confirmada a teoria, começavam aquele jogo de sedução, amarrando e desamarrando a camisa que deixava à mostra o umbigo e descuidando-se das pernas ao sentar-se com a microssaia.

Há muita imaginação circulando ali e fetiches sobre a hora “h” sobre o beijo, e daí em diante. Na aula não convencional que o classicismo lá do *Instituto de Educação* não recomendaria, sentiu-se assediado, interpelado, chamado, deslocado, instigado, provocado a aceitar o convite para a peixaria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito das instituições de ensino superior, a timidez de debates ou os silenciamentos acadêmicos em torno das identidades homoeróticas não correspondem aos murmúrios dos corredores, não formalizados nas mesas de discussões, mas encontrados no caminho para casa, nas conversas do ônibus, nas posturas em sala.

Esses murmúrios de experiências fictícias revelam que as relações institucionais vinculadas ao cotidiano da docência apresentam significações diversas constituindo-se em repetições e reiteração de normas que fabricam performances.

Há que se inventar os dispositivos microfísicos que mobilizam as práticas discursivas a fim de que política, ideológica, social, econômica e culturalmente, se desfaçam e burlem as

tecnologias de controle que durante séculos aprisionam aqueles e aquelas que se encontram sujeitos/abjetos.

O trabalho com narrativas e seu processo de ressignificação, permite, entrelaçando subjetividades, dar visibilidades a situações naturalizadas. Constitui peripécia menos acadêmica e mais responsável. Performances de linguagem em ebulição. Discursividade repleta de significados que instauram debates não estandardizados, dispersos, confusos e conflituosos. Denotados modos de captação de não verdades e prófugas composições.

## REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **História do olho**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que Importan**. Barcelona: Paidós. 2002.

\_\_\_\_\_, **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar  
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

CORAZZA, S. M. O docente da diferença. **Periferia**, vol. 1, nº 1, 2008. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/pdf/5521/552156380008.pdf>. Acesso em: 01 de julho 2022.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva,  
Guacira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.